

**VIOLÊNCIA ENTRE PARES:
UM ESTUDO DE CASO NUMA ESCOLA PÚBLICA
DE ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE ESTEIO/RS**

Carla Elizabeth da Silva

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do Grau de Mestre em Educação e
Ciências.

Orientador: Diogo Onofre Gomes de Souza

Co-orientadora: Denise Bandeira

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PPG EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE**

PENSAMENTO

Se você não pode ser um pinheiro no cimo da montanha,

Seja uma erva no vale, mas seja,

A melhor ervazinha à beira do riacho;

Seja um arbusto se não puder ser árvore.

Não podemos todos ser capitães; temos que ser exército.

Se não puder ser a estrela real,

Não podendo ser o sol, seja uma estrela.

Em grandeza não é que se ganha ou que se perde;

Seja o melhor possível aquilo que você é.

Autor desconhecido.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente obrigada a “Deus” essência de minha vida!

Ao Professor Dr. Diogo Onofre de Souza: Obrigada pela acolhida, oportunidade de aprendizagem, conhecimento, cuidados e investimento acadêmico.

A Professora Dr^a. Denise Ruschel Bandeira: “Anja que caiu do céu” Muito obrigado pela redobrada dedicação na revisão deste trabalho, sei que foi uma “super” atenção, mas oportunizou-me a aprender com este desafio.

A minha colega especial: Obrigada de coração Juliane Callegaro Borsa da Psicologia da UFRGS, pela supervisão, conhecimentos, parceria, motivação, “puxada de orelha” e oportunidade, tenha certeza que grande parte do mérito é seu.

Ao meu colega Ricardo Vigolo de Oliveira: Obrigada pela sua parceria, paciência, motivação, conhecimento, auxílio estatístico e análise dos dados.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Ciências: Química da Vida da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Obrigada pela oportunidade de participar de um programa de qualidade e referência em nosso país.

As Minhas colegas o meu muito obrigado: Isabela Barin, por ter oportunizado minha aproximação à realidade científica, Marcia Finimundi Barbieri, pela paciência, companheirismo e conhecimento e a Claudia Chiarel pelas instruções em sua casa.

A minha família: Obrigada a todos, principalmente minha mãe que mesmo estando distante, estava tão próximo de coração, pelo apoio, amor, boas energias, em acreditar que eu tenha capacidade, pela suas bênçãos e novenas para que “Deus” me abençoasse e que eu fizesse o melhor. E aos meus amados pai e filho do coração, alicerces de minha vida, que estejam com orgulho (*in memoriam*).

A Diretora Claudia Mantay Lorenzoni da escola Maria Lygia de Andrade Haack em Esteio/RS: Obrigada, pelas inúmeras atitudes de incentivo na melhoria de minha formação, bem como a professora Jaqueline “Jack” de história do projeto Ceja.

Ao meu novo amigo: Obrigada Professor de Língua Portuguesa da Escola João de Barro, Léo Lemes do Prado “meu eterno e competente guru”, por todas as palavras de apoio que serviram de alicerce na motivação da realização deste trabalho, com muito humor, me iluminando, não importando a hora e lugar, com sua presença e principalmente por estar disposto a dividir seu conhecimento.

Aos meus alunos: Obrigada, vocês foram minha grande motivação e essência na realização deste trabalho, para que eu pudesse ajudá-los a vencer as dificuldades do cotidiano escolar, tenham certeza que vocês são muito importantes em minha vida.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	iii
Lista de Tabelas e Figuras	v
APRESENTAÇÃO	vi
INTRODUÇÃO GERAL	1
ARTIGO	5
Resumo	7
Abstract	8
1. INTRODUÇÃO	9
1.1 Definindo o conceito de violência	9
1.2 Contextualizando a violência	9
1.3 A violência no contexto escolar	10
1.4 Os tipos de manifestação da violência escolar	11
2. MATERIAIS E MÉTODOS	14
2.1 Participantes	14
2.2 Instrumento	14
2.3 Procedimentos de Coleta	15
2.4 Procedimentos de Análise	15
3. RESULTADOS	17
3.1 Dados sócio-demográficos dos participantes	17
3.2 Aspectos da vida escolar	18
4. DISCUSSÃO	21
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24
CONCLUSÃO GERAL	27
BBIBLIOGRAFIA DA DISSERTAÇÃO	30
ANEXOS	32
A . Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais ou Responsáveis Legais	32
B. Questionário para estudo sobre “Violência entre Estudantes na Escola”	33

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Figura 1 – Espaço Físico da Escola Maria Lygia de Andrade Haack	02
Tabela 1 – Nível de Escolaridade dos pais ou responsáveis	17
Tabela 2 – Com que o aluno mora	18
Tabela 3 – Resultados referentes às vítimas, observadores e agressores	19
Tabela 4 – Resultados da relação entre idade e relatos de vitimização	20

APRESENTAÇÃO

Esta Dissertação de mestrado será apresentada da seguinte maneira:

- Introdução Geral com Objetivos;
- Artigo Científico, contendo o Resumo, os Materiais e Métodos, os Resultados e sua Discussão e as Referências Bibliográficas específica do artigo;
- Conclusão Geral;
- Bibliografia citada no conjunto da Dissertação.

Desta forma, a Dissertação atende às normas do PPG Educação em Ciência: Química da Vida e Saúde do Departamento de Bioquímica Prof. Tuiskon Dick da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

INTRODUÇÃO GERAL

A presente dissertação busca contribuir com a redução da violência no ambiente escolar a partir de um levantamento de dados sobre um estudo da “Violência entre Pares” numa escola pública em Esteio/RS.

Esteio possui uma população de 80.048 habitantes. O perfil populacional é urbano, pois 99,89% da população vive em zona urbana, com apenas 0,11% de residentes na zona rural (IBGE, 2000).

A cidade de Esteio caracteriza-se por ter uma população jovem, segundo dados do IBGE (2000), possuindo 25.510 habitantes com idade de 0 a 17 anos, ou seja, 31,87% de crianças e adolescentes. Em relação à renda, observa-se que a taxa dos responsáveis por domicílio é de 33,23% com renda de até 2 salários mínimos o que nos aponta para famílias empobrecidas e fragilizadas no que diz respeito a proteção e garantia de direitos das crianças e adolescentes.

O Parque Primavera, bairro onde se localiza a escola participante do estudo, possui 6.881 moradores representando 8,73% dos 80.048 habitantes da cidade. A comunidade é constituída de trabalhadores da indústria e comércio, mas a maior parte trabalha no mercado informal ou está desempregada. Os alunos são de famílias que possuem condições básicas de sobrevivência, algumas bastante favoráveis e outras com uma posição social precária (IBGE, 2000).

O maior percentual de crianças e adolescentes do município se concentra na região onde se localiza este bairro (42,78%). A região conta com um posto de saúde, uma escola infantil, duas escolas municipais e uma escola estadual de nível fundamental. O predomínio do grau de instrução da população desta região se concentra em ensino fundamental incompleto (IBGE, 2000).

No que diz respeito ao índice de escolaridade desta região, com 1641 crianças e adolescentes entre 10 a 17 anos, observa-se que a maior taxa de analfabetismo é a de crianças e adolescentes entre 15 a 17 anos. Esses dados são a base para o planejamento de políticas públicas de educação para esta faixa etária (IBGE, 2000).

Em se tratando de vulnerabilidade social infanto-juvenil, em relação à região onde se localiza a escola, há um número elevado de famílias com baixa renda, o que repercute nas condições de qualidade de vida em que vivem as famílias. Além disso, essa população sofre com a falta de emprego/trabalho, alimentação insuficiente e pouco nutritiva, baixo poder aquisitivo para moradia (levando os moradores a ocuparem áreas verdes com restrita infra-estrutura), baixa escolaridade e baixo controle de natalidade. Todos esses fatores somados aumentam ainda mais a vulnerabilidade social da região (IBGE, 2000).

Em 2009, a escola participante da pesquisa atendeu um total de 1300 alunos nos três turnos, manhã, tarde e noite, sendo que 500 alunos estudavam no turno da manhã, 500 no turno da tarde e 300 alunos no turno da noite. Durante o dia, o ensino ocorria para a Educação Infantil (Pré a 4ª série e o Fundamental de 5ª a 8ª série, sendo que a noite era para o projeto EJA – Educação de Jovens e Adultos).

O quadro funcional desta escola é composto de equipe diretiva contendo uma diretora, duas vice-diretoras, duas supervisoras, duas orientadoras Pedagógicas, 80 professores de diversas áreas e 20 funcionários administrativos.

A direção desta escola investe em recursos didáticos e audiovisuais, tais como: data show, DVD, episcópio, televisões, computadores, internet, livros, etc. Esses recursos visam um processo de ensino e aprendizagem mais dinâmico e criativo.

O espaço físico da escola, conforme a figura abaixo, é de tamanho privilegiado, arborizado, contendo secretaria, sala de professores, laboratório de informática, laboratório de aprendizagem, *E-block* (informática para a prática do idioma inglês), refeitório com cozinha, banheiros e salas de aula no térreo e no primeiro andar, sala da orientação pedagógica, sala da supervisão pedagógica, sala de recursos áudio-visuais, laboratório de ciências e quadra poliesportiva.

Figura 1 – Espaço Físico da Escola Maria Lygia de Andrade Haack



A gestão da escola estudada já utiliza estratégias como recreios supervisionados por uma escala de professores e funcionários, assim como controle na entrada e saída dos alunos pela equipe diretiva, para coibir possíveis atritos ou maus tratos entre os estudantes de várias faixas etárias.

Em geral, na área de educação escolar, gestores e professores admitem a existência de uma cultura de violência pautando as relações entre os alunos, motivando estudos sobre esse fenômeno. Desse modo, esses dados servem de base para os profissionais ligados à educação planejarem estratégias cada vez mais eficientes de prevenção da violência e intervenção, eliminando ou reduzindo este fenômeno bem como a ocorrência do *bullying*, um subtipo de violência escolar, que será melhor

detalhado posteriormente. Cabe salientar que as estratégias de prevenção à violência escolar nunca devem ser esgotadas, e sim renovadas, pois o corpo docente se renova todos os anos, havendo assim a necessidade de adaptação do convívio entre os estudantes.

Para entendermos a violência entre pares precisamos antes de tudo definir o conceito de violência. Uma das definições no estudo traz violência como a “ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém)”. O comportamento agressivo pode ser diferenciado de acordo com suas manifestações. Exemplos: física, verbal, e indireta ou psicológica (Tropp, 2004).

“A violência entre pares” se utiliza deste artifício, o de violentar seus pares através de força física ou psicológica. Por outro lado, o *bullying* se caracteriza por ser um tipo de violência repetitiva, de perseguição adotada por um ou mais estudantes contra outro ou outros, sem motivação evidente, em situação de desigual poder (Olweus, 1995; Fante, 2005). Segundo Quiroz (2006), uma das autoras da pesquisa realizada no *National School Safety Center*, este fenômeno tem sido definido como um ato abusivo de violência que pode criar um clima hostil na escola por violar os direitos dos alunos de aprender em escolas seguras e pacíficas.

É importante destacar que este trabalho utiliza uma forma de agressão interpessoal que pode ser considerada menos severa, ao selecionar a agressão e a vitimização entre pares, sem incluir especialmente o fator da repetição ao longo do tempo (Hunter, Boyle & Warden, 2007).

Nos Estados Unidos, o *bullying* é tema de interesse. O fenômeno cresce entre alunos das escolas americanas. Os índices são tão altos que os pesquisadores americanos classificam-no como conflito global, e que, a persistir essa tendência, será grande o número de jovens que se tornarão adultos abusadores e delinquentes (Andrews, 2000).

O *National School Safety Center* chama o *bullying* de o “problema mais duradouro e subestimado nas escolas dos Estados Unidos. Até 8% dos alunos perdem um dia de aula por mês por medo de sofrer *bullying* e, em uma pesquisa nacional, 43% das crianças disseram ter receio de ir ao banheiro por medo de ser assediadas” (Mulrine, 1999 apud Middleton-Moz e Zawadski 2007, p. 22).

Um levantamento realizado pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência) em 2002, envolvendo 5.875 estudantes de 5ª a 8ª séries de onze escolas localizadas no município do Rio de Janeiro, revelou que 40,5% desses alunos admitiram ter estado diretamente envolvidos em atos de *bullying* naquele ano, sendo 16,9% alvos, 10,9% alvos/autores e 12,7% somente autores.

Outra pesquisa divulgada em 2008 pela organização não governamental *Internacional Plan*, que atua em 66 países em defesa dos direitos da infância, apontou que 70% dos 12 mil estudantes pesquisados em seis Estados brasileiros afirmaram ter sido vítimas de violência escolar. Outros 84% desse total apontaram suas escolas como violentas.

Tratando-se de violência escolar, a agressividade é um aspecto importante de ser explorado, pois se observa que a tendência ao comportamento agressivo é influenciada por vários aspectos, especialmente aprendido através de experiências externas ou mesmo intrafamiliares. O comportamento agressivo, como o preconceito ou a discriminação, pode ser instalado e mantido por

diversas razões, dentre elas: observação dos comportamentos de adultos e outras crianças, valorização social, carência afetiva, ausência de limites, maus tratos físicos e explosões emocionais violentas (Bandura, 1961; Fante, 2005).

O gênero também parece ser um fator associado com práticas frequentes de agressividade verbal e não-verbal. Estudos mostram que atos de discriminação e/ou outros comportamentos agressivos são mais frequentes entre meninos do que entre meninas, embora haja relato de prática em ambos os gêneros. O *bullying* é mais observado entre meninos com idades entre 11 e 13 anos, sendo menos freqüente na educação infantil e no ensino médio (Fante, 2005; Neto, 2005).

A violência, tão presente no meio escolar na atualidade, prejudica os vínculos existentes entre os jovens, tornando-os indiferentes à existência do próximo e excluídos do meio em que vivem. A violência geralmente ocorre quando não existe espaço para escuta ou a palavra (causando o sentimento de exclusão), ou quando não existem meios de canalizar a agressividade, resultando em conflito mal-administrado (Sales, 2004).

Tendo em vista esta realidade, o presente estudo, de caráter exploratório e descritivo, teve por objetivo conhecer as situações de violência entre pares e a possível ocorrência de *bullying* numa escola pública em Esteio. Sua relevância reside na importância que fenômenos ligados à violência, como o *bullying*, têm adquirido no âmbito do sistema de ensino e na gestão escolar. Nesse sentido, o presente estudo poderá contribuir para a construção de estratégias coletivas que permitam aos jovens estudantes lidar com suas dificuldades, tornando assim sua convivência mais pacífica e atraindo outros benefícios para a vida escolar. O estudo foi realizado no ano escolar de 2009, por meio da coleta e da análise de dados quantitativos e qualitativos que permitiu conhecer as situações de maus tratos nas relações entre estudantes de sétima e oitava séries.

ARTIGO CIENTÍFICO

O artigo apresentado a seguir foi submetido à revista “Psicologia Escolar e Educacional”.

Violência entre pares: Um estudo de caso numa escola pública no município de Esteio/RS

Peer Violence: A study case in a public school in Esteio/RS

Carla Elizabeth da Silva¹

Ricardo Vigolo de Oliveira²

Denise Ruschel Bandeira³

Diogo Onofre de Souza^{4*}

1 Licenciatura Plena em Língua Inglesa e Literatura da Língua Inglesa, Mestre em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, RS, Brasil. teachercarla@ig.com.br

2 Bacharel em Psicologia, Mestre em Bioquímica (Neuroquímica), Doutor em Química Biológica (Educação, Gestão e Difusão em Biociências), Pós-Doutorado INCT-EN (2010), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil. Professor do Curso de Psicologia do Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha (CESUCA), RS. rvo1973@yahoo.com.br

3 Doutora em Psicologia, Professora Associada do Departamento de Psicologia do Desenvolvimento e da Personalidade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS. bandeira@ufrgs.br

4 MD, Mestre em Bioquímica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Doutor em Bioquímica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Professor Titular do Departamento de Bioquímica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Orientador do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. *Autor correspondente: diogo@ufrgs.br

Agradecimentos: CAPES, CNPq/INCTEN.

Resumo

Esse estudo investiga a “violência entre pares” numa escola pública de Esteio/RS. A amostra foi composta por 161 alunos, sendo 102 da sétima e 59 da oitava série, 67 meninas e 94 meninos, com idades entre 12 e 20 anos (média \pm desvio padrão = 14,09 \pm 1,19). Foi utilizado o questionário “Violência entre Pares”. Os resultados mostram que 56,9% dos alunos foram vítimas, 82,0% observadores, e 38,5% agressores. Apenas 8,7% foram agredidos mais de 3 vezes. A agressão mais frequente de foi a verbal (47,2%), seguida da física (21,1%) e de outras formas de agressão (13,7%). Não foi significativa a presença de *bullying*, e os casos de violência foram mais associados à violência doméstica. A grande maioria dos alunos avaliou o ambiente escolar e a relação com os colegas de turma como positiva, e não houve nenhuma associação entre vitimização e piora da avaliação desses dois parâmetros.

Palavras-chave: escola pública, violência entre pares, ensino fundamental.

Abstract

This study investigates the occurrence of “peer violence” amongst adolescents in a public school in Esteio/RS. The sample was composed by 161 students, 102 from 7th and 59 from 8th grade, 67 girls and 94 boys, aged between 12 and 20 years old ($M \pm dp = 14.09 \pm 1.19$). The questionnaire "Peer Violence" was used. The results show that 56.9% were victims, 82.0% observers and 38.5% aggressors. Only 8.7% were victimized more than three times. The verbal aggression was the most common (47.2%), followed by physical abuse (21.1%) and other forms of aggression (13.7%). Bullying occurrence was not significant, and the violence found in the school was associated to domestic life. Most of students like the scholar environment and the relationship between peers, and there was no association between those parameters and violence.

Keywords: public school, violence among students, basic education

1. INTRODUÇÃO

1.1. Definindo o conceito de violência

A violência não é um fenômeno recente e tem estado presente em nosso dia-a-dia através da mídia, em conversas com amigos e constantemente nas escolas. A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2005) define violência como “a imposição de um grau significativo de dor e sofrimento evitáveis”. Todavia, a imposição de “uma dor e sofrimento evitáveis” torna o conceito subjetivo.

Violência vem do latim *violentia*, que significa caráter violento ou bravio, força. O verbo *violare* significa tratar com violência, profanar, transgredir. Segundo o “dicionário Aurélio” da Língua Portuguesa, a violência refere-se ao ato violento ou ato de violentar (Ferreira, 2004). O “Dicionário Houaiss” define violência como a “ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém) (Houaiss, 2001)”. No aspecto jurídico, o mesmo dicionário define o termo como o “constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem”.

Ao analisar o fenômeno da violência, encontra-se uma série de dificuldades, não apenas porque o fenômeno é complexo, mas, principalmente, porque evoca uma auto reflexão pessoal sobre sentimentos e atitudes. De modo geral, a violência se confunde, se interpenetra, se inter-relaciona com agressão e/ou com indisciplina (Nogueira, 2003).

1.2. Contextualizando a violência

As diferentes manifestações de violência vêm adquirindo cada vez mais importância e dramaticidade na sociedade brasileira. Muitas são as suas expressões, os sujeitos envolvidos e as conseqüências.

Segundo Michaud (1989), a violência ocorre quando não apenas há o desejo de destruição, mas quando causa danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações culturais. O que se evidencia é que não se pode separar as ações de praticar-sofrer violência, porque em momento algum elas se mostram independentes; muito pelo contrário, uma nasce da outra, uma faz parte da outra, de forma estrita que, muitas vezes, torna-se impossível delimitá-las. Há uma dificuldade em definirmos precisamente o termo violência pelo fato de que – num sentido mais amplo, a violência pode existir em todos os lugares onde houver transgressão, seja ela brutal ou sutil. Desta perspectiva, “pode haver quase tantas formas de violência quantas forem as espécies de normas” (Michaud 1989, p.08).

Como aponta Nogueira (2005), o frequente envolvimento da população infantil e juvenil com a violência ocupa, de maneira crescente, as páginas da imprensa falada e escrita. Tal problemática tem

muitas implicações do ponto de vista da prática educativa, e suas diferentes manifestações tem preocupado de forma especial pais e educadores.

Profissionais da educação, alunos e pais vem-se surpreendendo com problemas de violência entre jovens alunos de classe média. Apesar das preocupações generalizadas, os olhares dos pesquisadores tem-se voltado majoritariamente para as manifestações de violência entre jovens de classes populares (Sposito, 2001).

1.3 A violência no contexto escolar

O termo “violência escolar” diz respeito a todos os comportamentos agressivos e anti-sociais, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio e atos criminosos ocorridos no ambiente escolar. Muitas dessas situações dependem dos fatores externos, cujas intervenções podem estar além da competência e capacidade das entidades de ensino e de seus integrantes. A violência, tão presente no meio escolar na atualidade, prejudica os vínculos existentes entre os jovens, tornando-os indiferentes à existência do próximo e excluídos do meio em que vivem. A violência geralmente ocorre quando não existe espaço para a escuta ou a palavra ou quando não existem meios de canalizar a agressividade, resultando em conflito mal-administrado (Lopes Neto, 2005; Sales, 2004). Sobre esse ponto, Guimarães (2004) refere:

A violência, tanto na educação como no conjunto da sociedade, constitui-se como uma forma de expressão dos que não têm acesso à palavra (...). Quando a palavra não é possível, a violência se afirma e a condição humana é negada. Neste sentido, a reversão e a alternativa à violência passam pelo resgate e devolução do direito à palavra, pela oportunidade de expressão das necessidades e reivindicações dos sujeitos, pela criação de espaços coletivos de discussão, pela sadia busca do dissenso e da diferença, enfim, pela mudança das relações educacionais, ainda estruturadas no mandar e obedecer, para uma forma mais democrática e dialógica (Guimarães, 2004, p.3).

Fante (2003; 2005) aponta que a violência escolar nas últimas décadas adquiriu crescente dimensão em todas as sociedades. O que a torna questão preocupante é a grande incidência de sua manifestação em todos os níveis de escolaridade. Nesse contexto, estudos e pesquisas (Abramovay, 2003; Debarbieux & Blaya, 2002; Ortega & Del Rey, 2002) vem sendo desenvolvidos com o intuito de contribuir para que a violência seja extirpada ou minimizada, não somente no ambiente escolar, mas em todas as esferas de relacionamentos sociais.

Carreira (2005), em sua Dissertação de Mestrado, salienta que a expressão da violência possui raízes profundas que vão além das aparências e de tudo aquilo que é palpável e visível aos nossos olhos. É preciso que gestores educacionais e profissionais da área educacional tomem consciência da

importância de se estudar o tema, suas implicações, características, conceitos e expressões, livres de preconceito, alarmismos ou redundantes retóricas (pp. 16). A autora destaca, ainda, a importância do envolvimento da gestão na questão da violência, uma vez que suas ações alcançam diretamente o dinamismo do trabalho escolar bem como o seu direcionamento na comunidade escolar e na sociedade.

1.4 Os tipos de manifestação da violência escolar

Os tipos mais comuns de violências praticadas por jovens são: violência física, violência verbal, violência simbólica e *bullying*. A violência física é caracterizada pelo uso da força ou atos físicos praticados entre membros da escola, incluindo os alunos. A violência verbal ocorre por meio de atos agressivos expostos visivelmente nas situações de opressão, humilhação, xingamentos, palavras de baixo calão, entre membros da escola, dentro e fora das escolas. A violência simbólica refere-se a atitudes praticadas por alunos ou por membros da escola, na forma de conduta discriminatória do outro. O *bullying* caracteriza-se por atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, executadas dentro de uma relação desigual de poder, tornando possível a intimidação da vítima (Camacho, 2000; Charlot, 2002; Lopes Neto & Saavedra, 2003; Fante, 2005; Olweus, 1995). O *bullying* não é um simples comentário ocasional, uma discórdia no ambiente de trabalho, brigas de crianças em meio a uma brincadeira, lições aprendidas nas rivalidades entre irmãos ou a solução de conflitos com colegas. É uma crueldade sistemática, voltada a um alvo específico, por parte de uma ou mais pessoas com a intenção de obter poder sobre o outro ao infligir regularmente sofrimento psicológico ou físico (Middelton-Moz e Zawadski, 2007; Carvalhosa, Moleiro & Sales, 2009).

A agressão entre os pares é muitas vezes considerada como parte do desenvolvimento, sendo, portanto, negligenciada.

Atitudes agressivas na escola constituem-se como um problema de prevalência elevada, que compromete a aprendizagem e influencia o abandono escolar precoce, perturba as relações interpessoais e o desenvolvimento sócio-emocional das crianças e jovens e reduz o clima de segurança e proteção sentido por todos nas escolas (Carvalhosa, Moleiro & Sales, 2009). Uma pesquisa realizada em Portugal mostrou que aproximadamente um em cada cinco alunos (22%) entre 6 e 16 anos já foi vítima de *bullying* na escola (Nogueira 2005 Apud Almeida, 2003). Pesquisa efetuada na Grã-Bretanha registra que 37% dos alunos do ensino fundamental e 10% do ensino médio admitem sofrer *bullying*, pelo menos uma vez por semana (Lopes Neto & Saavedra, 2003). Já na Espanha, a incidência do *bullying* se situa em torno de 15% a 20% dos sujeitos em idade escolar, o que vem a confirmar os dados de estudos desenvolvidos em outros países da União Européia (Cerezo, 2001).

Num levantamento realizado pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA, 2003), envolvendo 5.482 estudantes de 5ª a 8ª séries, de 10 escolas do Município do Rio de Janeiro, revelou os seguintes dados: 16,9% dos alunos foram alvos de *bullying*; 10,9% foram alvos e, ao mesmo tempo, autores de *bullying*; 12,7% caracterizaram-se como autores de *bullying*; 57,5% enquadraram-se como testemunhas de *bullying* (Lopes Neto & Saavedra, 2003).

Crianças que são vítimas e também agressoras (denominadas vítima/agressor) são merecedoras de atenção especial, por apresentarem alguma provável alteração psicológica, tais como depressão e ansiedade (Shwartz, 2000), além de insegurança ou alguma outra inadequação de comportamento, buscando humilhar seus colegas a fim de esconder alguma limitação pessoal (Lopes, 2005; Roland, 2002). As crianças vítimas/agressoras também apresentam maior probabilidade de sérios problemas de comportamento e frequentemente são maltratados pelos colegas. Elas costumam ser impulsivas, emocionalmente reativas e hiperativas. Diferenciam-se dos alvos típicos por serem impopulares e rejeitadas no ambiente social escolar (Robin, Toblina, Schwartz, Gormanb e Abou-ezzeddinea, 2005). Esse é o grupo que, normalmente, apresenta maior frequência de problemas de conduta e escolares, problemas com os pares, sintomas psicossomáticos e psicológicos, frequentes encaminhamentos aos serviços psiquiátricos, além de maior probabilidade de envolvimento em *bullying*. E, juntamente com o grupo de agressores, são mais suscetíveis ao uso de drogas (como cigarros, álcool e outras substâncias), além de risco mais elevado de severas ideações suicidas, comportamento de risco, violento e anti-social, quando comparados com crianças não envolvidas em *bullying* (Liang, Flisher & Lombard, 2007). Especula-se que esse padrão de comportamento agressivo reflita uma inadequada modulação da raiva, além de uma irritabilidade maior do que a capacidade de elaboração de estratégias sociais mais adequadas aos seus objetivos (Robin, Toblina, Schwartz, Gormanb & Abou-ezzeddinea, 2005).

Em pesquisa apresentada por Abramovay (2004), realizada em 14 capitais brasileiras sobre a violência nas escolas, confirmou-se dois tipos de violência escolar: a interna e a externa. A interna, que é chamada pela pesquisadora de institucional, é aquela que ocorre cotidianamente dentro das escolas (ameaças verbais, agressão física, frustrações por falta de estrutura da escola) e a externa configura-se na violência em seus arredores (ex: tráfico de drogas) que também prejudica muito a escola. Segundo a autora, a violência externa estimula a inadaptação social que é reflexo da educação indevida por parte da família ou pelo meio onde os jovens vivem (bairro violento, alcoolismo, drogas, tráfico, violência doméstica, resolução de conflitos com base na agressão verbal ou física), estimulando esses jovens a agirem conforme o que vivenciam diariamente.

Assim, entende-se que investigações sobre o tema da violência escolar são relevantes, entre outros fatores, porque o problema tem afetado a educação. O cotidiano escolar tem sido palco de manifestações agressivas, variando desde depredações até agressões verbais e físicas. Os profissionais da educação e os alunos que estão expostos à violência neste contexto precisam encontrar soluções que atenuem tal problemática. Segundo Carreira (2005), a violência escolar deve ser analisada e estudada na atualidade, tendo em vista suas prováveis conseqüências. Quando se pensa em uma educação que priorize a qualidade e o bem estar do educando, que almeje inserir o jovem na sociedade e no mercado de trabalho, não há como fugir do ideal de uma convivência democrática e solidária no ambiente escolar.

O presente estudo teve por objetivo investigar a presença de violência entre estudantes de 7ª e 8ª séries (entre pares) em uma escola pública municipal de Ensino Fundamental na periferia da cidade de Esteio, Rio Grande do Sul. Visou ainda identificar estes processos interpessoais, a relação existente entre os mesmos e refletir sobre seu papel enquanto fator de risco ou proteção ao desenvolvimento saudável de adolescentes.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

2.1. Participantes

A amostra deste estudo foi constituída de 161 (cento e sessenta e um) alunos, de ambos os sexos, entre 12-20 anos, que frequentavam as 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental da escola pública municipal Maria Lygia de Andrade Haack, de Esteio/RS.

2.2. Instrumento

Foi aplicado o Questionário “Violência entre Pares”, de Isabel Pimenta Freire, Ana M. Veiga Simão & Ana S. Ferreira (2006), instrumento de estudo de diferentes manifestações de violência entre pares, aferido para a população Portuguesa no 3º ciclo do ensino básico. A validação deste instrumento no Brasil foi feita por um grupo de pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas, da área de Educação Física, coordenado pela Dra. Eliane Prosdócimo, com apoio da linguista Eliana Ruiz. Já foi aplicado em diferentes cidades: Campinas, Paraíba, Curitiba, Florianópolis e Juiz de Fora. Contudo, os resultados destes trabalhos no Brasil ainda não foram publicados (informação pessoal).

Segundo Freire (2005), este instrumento permite identificar agressores, vítimas, e observadores de situações de maus-tratos; caracterizar os tipos de agressão/vitimização que ocorrem em situação escolar; caracterizar a população, em geral, do ponto de vista estrutural; caracterizar os alunos/agressores, os alunos/vítimas e observadores de situações de violência escolar quanto ao gênero, idade, nível sócio-econômico e cultural da família, percurso escolar e estrutura familiar; identificar os espaços onde ocorrem as situações de agressão e perceber o modo como os alunos vêm a intervenção dos adultos (professores, pessoal auxiliar e órgãos de gestão) e dos seus pares face às situações de violência escolar. Além da caracterização das diferentes formas de agressão entre pares e dos fatores que estão associados, o questionário permite conhecer a percepção dos alunos acerca do ambiente relacional da escola e o modo como estes interpretam e sentem a violência na escola.

O questionário (anexo B), contendo questões de múltipla escolha e questões abertas, apresenta-se agrupado em blocos. O Bloco A contém questões sócio-demográficas, sendo constituído por 13 perguntas que permitem recolher um conjunto de informações sobre os alunos, tais como gênero, idade, nível sócio-econômico e cultural da família, percurso escolar, estrutura familiar e outros, a ser cruzado com os diversos outros blocos. O Bloco B, com duas perguntas, permite conhecer as percepções dos alunos sobre o ambiente escolar. O Bloco C, com oito perguntas, permite identificar as situações de vitimização, o tipo, local, frequência, as atitudes, as consequências. O Bloco D, com três perguntas, permite identificar as situações de observação, o tipo, o local e as atitudes. O Bloco E, com quatorze perguntas, permite identificar as situações de agressão, o tipo, local, frequência, as atitudes,

as conseqüências, a perspectiva de uns em relação aos outros. Os Blocos F e G contêm cinco perguntas que permitem obter informação sobre sentimentos, atribuições, estratégias de lidar com as situações e, ainda, uma auto-avaliação sobre o problema estudado (a avaliação destes blocos não consta deste artigo).

2.3. Procedimentos de coleta

Inicialmente, foram apresentados os objetivos da pesquisa para a direção da escola e a administração pedagógica e, concedida a autorização, foi assinada carta de aceite. Após, marcou-se uma reunião, que ocorreu em dia da entrega de boletins, com os responsáveis e os alunos convidados, para apresentação do estudo e entrega do termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (anexo A).

Obedeceu-se às necessidades específicas, como local de coleta e ética em pesquisa com seres humanos, especialmente quanto a questões de confidencialidade e voluntariedade. Há cuidados inerentes à pesquisa em populações vulneráveis como a prévia consulta aos pais ou responsáveis com relação à participação ou não dos filhos na pesquisa, mediante assinatura de carta de aceite. Posteriormente, os alunos foram convidados a responder o questionário sobre violência entre pares. Garantiu-se a individualidade e sigilo dos participantes.

A aplicação do instrumento foi feita por uma professora voluntária, evitando que a professora pesquisadora estivesse em contato com os alunos e, de alguma forma, pudesse interferir nas respostas dos mesmos. O local de aplicação foi o Laboratório de Informática da escola, para onde foram em grupos de dez alunos. Cada aluno respondeu individualmente ao questionário, neste ambiente amplo e mais tranqüilo, favorecendo a concentração e a garantia da individualidade dos sujeitos na pesquisa.

2.4 Procedimentos de análise

Os dados obtidos a partir dos questionários foram tabulados utilizando-se o *Statistical Package for Social Sciences – SPSS®* versão 16. Para análise de significância estatística foram utilizados os testes Chi Quadrado de Person (χ^2) para associação entre variáveis ou o teste exato de Fisher, quando necessário; o teste Q de Cochran para análise de variância; o teste de Monte Carlo para associação linear. Em todos esses casos, para significância, considerou-se $p < 0,05$.

Para comparação entre os tipos de agressão, os mesmos foram agrupados em três categorias: agressão física, verbal e outras formas de agressão. A agressão física inclui empurrar com violência, bater/surrar e apalpar alguma parte do corpo contra vontade. A agressão verbal inclui ameaçar, humilhar/gozações, chamar de nomes ofensivos, dizer calúnias da pessoa e sua família, magoar de propósito e fazer intrigas. Outras agressões incluem estragar ou pegar objetos, excluir da convivência,

outras agressões e perseguições. Para fins desse estudo, considerou-se *bullying* como sendo quaisquer tipos de agressão ocorrida por três vezes ou mais, no decorrer do ano letivo da pesquisa.

RESULTADOS

3.1 Dados sócio-demográficos dos participantes

Do total de 161 participantes desse estudo, 67 (41,6%) eram meninas e 94 (58,3%) eram meninos; a idade variou entre 12 e 18, sendo uma única menina de 20 anos, $M_{total} = 14,09 \pm 1,19$; $M_{fem} = 14,42 \pm 2,34$; $M_{masc} = 14,00 \pm 1,22$, sendo 102 alunos da 7ª série e 59 da 8ª série. A maioria (54,0%) nasceu em Esteio – local da escola, seguido por Porto Alegre (13,0%) e Sapucaia do Sul (12,4%), e 90,1% morou em Esteio nos últimos 5 anos.

Quanto à profissão dos pais/responsáveis masculinos e femininos, não houve predomínio de nenhuma atividade profissional.

O nível de escolaridade dos pais é apresentado na tabela 1:

Tabela 1

Nível de escolaridade	Pai/resp. masculino		Mãe/resp. feminino	
	n	%	n	%
Analfabeto	1	0,6	3	1,9
Fundamental até 4ª série	28	17,4	31	19,3
Fundamental de 5ª a 8ª	52	32,3	63	39,1
Ensino médio completo e incompleto	53	32,9	47	29,2
Superior completo e incompleto	15	9,3	10	6,2
Outros	4	2,5	3	1,9
Não respondeu	8	5	4	2,5
Total	161	100	161	100

Em relação à estrutura familiar dos alunos, 75,8% disseram ter pais/responsáveis que vivem na mesma casa. Quanto ao estado civil, 59,6% disseram ter pais/responsáveis casados, 22,4%, separados e 17,4% distribuídos entre solteiros, viúvos e outros estados civis. Com relação ao número de irmãos, 90,7% têm irmãos, sendo 47,8% de um a dois irmãos e 42,9% mais que três irmãos. Dos que tem irmãos, 71,2% tem irmãos mais velhos e 65,1% tem irmãos mais novos (porcentagem não cumulativa, visto que 55,8% têm mais velhos e mais novos).

A distribuição acerca de com quem moram é apresentada na tabela 2:

Tabela 2

Com quem mora	n	%
Com pais e irmãos	73	45,3
Com seus pais	38	23,6
Mãe e irmãos	22	13,7
Só com a mãe	14	8,7
Mãe, padrasto e irmãos	5	3,1
Avó e mãe	4	2,5
Pai e irmãos	3	1,9
Outras situações	2	1,2
Total	161	100,0

3.2 Aspectos da vida escolar

Dos 161 questionários aplicados, 160 foram respondidos.

No que diz respeito às avaliações que os alunos fazem do relacionamento com os colegas, 80,6% do total de respostas válidas ($n = 160$) avaliaram positivamente, enquanto que 14,4% e 5,0% avaliaram como regular e negativo, respectivamente. E em relação às avaliações sobre o ambiente escolar, 84,4% o avaliaram positivamente, e apenas 11,3% e 4,4% avaliaram como sendo regular e negativo, respectivamente.

Quando inquiridos sobre situações de violência, 91 alunos (56,9%) disseram terem sido vítimas de algum tipo de agressão. 132 (82,0%) e 62 (38,5%) disseram ter observado situações de agressão e atuados como agressores, respectivamente. Em relação à frequência dos episódios de violência, apenas 14 alunos (8,7% do total da amostra) foram agredidos mais de 3 vezes no ano letivo em que foi realizada a coleta de dados, ou seja, houve uma baixa incidência de *bullying*.

Em relação às vítimas, 76 (47,2%) relataram agressão verbal, 34 (21,1%) relataram agressão física e 22 (13,7%) relataram outras formas de agressão. O número de agressão verbal é significativamente maior do que as outras duas (Teste Q de Cochran = 67,94; $p < 0,001$). Não houve diferença significativa quanto às formas de agressão em relação ao gênero.

As situações e/ou os locais da escola onde ocorreram as vitimizações relatadas, dos 91 relatos de vitimização, foram: recreio (34,1%), salas de aula (29,7%), saída ou entrada da escola (25,3%), corredores e escadas (17,6%), espaços de educação física (12,1%), refeitório (2,2%) e banheiro (2,2%).

Em relação ao gênero, não houve significância estatística entre gênero e vítimas nem agressores, apenas em relação aos observadores, com predominância de 62,1% de um total de 132 observadores do gênero masculino ($\chi^2 = 4,210$; $p = 0,040$).

Identificaram-se como vítimas 91 estudantes. Destes, 54,9% foram também agressores, o que representa 31,3% da amostra total (160 estudantes).

Abaixo, a Tabela 3 indica os resultados de vítimas e/ou agressores, tomando como 100% o total de 160 respostas válidas:

Tabela 3

		Vítima		
		Não	Sim	
Agressor	Não	n	58	41
		%	36,3	25,6
	Sim	n	11	50
		%	6,9	31,3

Em relação à estrutura familiar e vitimização ou agressão, observou-se uma significância limítrofe ($\chi^2 = 4,158$; $p = 0,053$) associando, somente para o gênero feminino, ter os pais morando na mesma casa com aumento no número de vítimas. Significância limítrofe ainda mais fraca ($\chi^2 = 3,365$; $p = 0,086$) foi encontrada também para o gênero feminino agressor, mostrando uma tendência das meninas serem mais agressivas quando moram com os responsáveis do sexo masculino.

Considerando ainda a estrutura familiar, ao cruzarmos os grupos de vítimas com a faixa etária dos irmãos, houve uma significância limítrofe indicando que ter irmão mais velho – independentemente de ter ou não irmãos mais novos – aumenta a probabilidade de ser vítima: 70,3% das 91 vítimas têm irmãos mais velhos ($\chi^2 = 3,263$; $p = 0,071$). Quando essa avaliação foi feita por gênero, constatamos significância relacionada ao gênero feminino: 29 (78,3%) das 37 vítimas do gênero feminino têm irmãos mais velhos ($\chi^2 = 4,712$; $p = 0,030$). Por fim, ao cruzarmos agressores e irmãos, somente para o gênero feminino encontramos significância limítrofe para correlação com irmãos mais velhos ($\chi^2 = 3,189$; $p = 0,074$). Nenhum dos outros cruzamentos apresentou significância.

Foi avaliada a relação entre idade e relatos de vitimização. Quando se avaliam ambos os gêneros, não existe nenhuma associação. Quando se avalia por gênero, somente o masculino apresentou alguma significância (Tabela 4): o índice de vitimização cai com o aumento da idade (Teste

de Monte Carlo para associação linear = 4,523; $p = 0,038$). A correlação de idade com agressor não apresentou nenhuma significância.

Tabela 4

Masculino			Idade							Total
			12	13	14	15	16	17	18	
Vítima	Não	n	0	12	12	8	3	2	1	38
		%	0,0	31,6	48,0	57,1	37,5	66,7	100,0	41,3
	Sim	n	3	26	13	6	5	1	0	54
		%	100,0	68,4	52,0	42,9	62,5	33,3	0	58,7
Total	n	3	38	25	14	8	3	1	92	
	%	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	

Após a avaliação das características da violência nesse estudo, buscou-se compreender se existia alguma correlação entre o que os alunos pensam sobre o ambiente escolar/relacionamento com colegas de turma e a violência entre os estudantes da escola. Embora a porcentagem de vítimas tenha sido 56,9%, de agressores tenha sido 38,5% e de observadores tenha sido 82,0%, a ampla maioria dos alunos considerou positivo o ambiente escolar e o relacionamento com os colegas: 135 (83,9%) e 129 (80,1%), respectivamente.

DISCUSSÃO

O presente trabalho foi baseado no interesse de estudar as “relações entre pares” no cotidiano escolar. Na escola Maria Lygia de Andrade Haack, da rede municipal de Esteio, onde foram realizadas as observações deste estudo, há uma preocupação crescente dos profissionais da educação com as relações inter-pessoais, com o bem estar dos alunos da escola, e com o baixo nível de tolerância na convivência escolar. Essa preocupação é decorrente de medidas públicas de profilaxia dos índices de violência devido à escola estar situada em área de risco (IBGE, 2000).

Como observado na análise dos dados, os alunos agressores também são, em sua maioria, vítimas de agressão. Entretanto, há uma parcela representativa de vítimas que não se considera agressora. Isso abre discussões sobre o comportamento agressivo do grupo dos agressores, que parece não estar direcionado somente àqueles que agredem. Conforme Green et al (1980), crianças que não são aceitas pelos colegas expressam mais insatisfação. Essas informações em conjunto apontam para a possibilidade de que uma parcela de agressores com inserção social pobre possa estar expressando o sentimento de rejeição através do comportamento agressivo direcionado aos colegas de forma indiferenciada.

Todavia, conforme os resultados dessa pesquisa, a frequência dos episódios de violência é, em geral, isolada, e não repetitiva. Tendo em vista que *bullying* necessariamente envolve um tipo de crueldade sistemática, repetitiva, direcionada a um alvo específico, visando obter poder sobre o outro ao infligir regularmente sofrimento psicológico ou físico (Middelton-Moz e Zawadski, 2007), pode-se concluir que, neste estudo, a violência apresentada na escola pouco se caracteriza *bullying*, dado que apenas 8,7% do total da amostra sofreram algum tipo de violência mais que três vezes.

Esses resultados estão de acordo com aqueles encontrados por Hunter, Boyle & Warden (2007), cujos episódios de violência são caracterizados por uma forma de agressão interpessoal que pode ser considerada menos severa, selecionando a agressão e a vitimização entre pares sem incluir especialmente o fator da repetição ao longo do tempo, sendo este o maior diferencial entre estas definições. A incidência de *bullying* encontrada neste estudo foi bem mais baixa do que aquela encontrada em pesquisas internacionais (Middelton-Moz e Zawadski, 2007), assim como em pesquisas no Brasil conduzidas pela Internacional Plan (2008) e pela ABRAPIA (2008). Esse baixo índice de *bullying* pode ser justificado pelas estratégias de coibição de comportamentos agressivos entre os pares, utilizadas pela gestão da escola, tais como recreios supervisionados, controle na entrada e saída dos alunos pela equipe diretiva, etc.

Ainda assim, existem manifestações de violência entre os pares, com um percentual do total da amostra de 56,% de vítimas, 82,0% de observadores e 38,5% de agressores, sendo verbal a forma de agressão mais comum encontrada no estudo (47,2%). Esse achado está em desacordo com o da pesquisa realizada pela UNESCO sobre “Violência nas Escolas” do Brasil, no qual a violência física apareceu em primeiro lugar e a verbal, em último (Abramovay & Rua, 2002).

Outro achado desse estudo é que não houve nenhuma associação da forma verbal de agressão com gênero, contrariamente aos achados de Lisboa (2001) numa pesquisa realizada em Porto Alegre, que associa as meninas à agressão verbal e os meninos, à agressão física. Segundo a literatura, as meninas tenderiam a ser mais sensíveis e, por isso, se incomodariam mais do que os meninos com formas verbais de agressão (Coie e Dodge, 1998). Entretanto, essa tendência a não diferenciação dos gêneros com comportamento agressivo de nossos achados está de acordo com Eron e Huesmann (1989).

Uma das diferenciações em relação ao gênero é que, para as meninas, morarem com os responsáveis do sexo masculino aumentou os índices tanto de vitimização quanto de agressão. Segundo Maldonado e Williams (2005), algumas diferenças comportamentais apresentadas pelas crianças são consequências da violência doméstica. Os comportamentos agressivos podem ter origem nas práticas educativas parentais, bem como aspectos culturais e sociais (Alvarenga e Piccinini, 2007), especialmente nos casos de famílias abusivas com práticas punitivas e autoritárias. Essa situação estimularia o comportamento agressivo dos alunos através de aprendizagem por observação, o que pode levá-los a manifestarem agressividade na relação com os pares (Howe, Tepper e Parke, 1998; Howe e Parke, 2001). Adolescentes agressivos na escola costumam ter vivido mais eventos de violência doméstica do que aqueles não agressivos, devido à punição física das crianças ser socialmente disseminada e aceita como prática disciplinar (Meneghel, 1998). Conjuntamente, esses dados poderiam abrir perspectivas para justificar o maior envolvimento em situações de violência pelas meninas que moram com responsáveis masculinos em casa.

Ainda em relação ao contexto familiar, os resultados deste estudo mostram que 70,3% das 91 vítimas têm irmãos mais velhos. E essa associação se torna significativa para as meninas. Graham-Bermann (1998) assinala que os modelos de comportamento aprendidos na infância, através das interações com outras pessoas, são utilizados em novas situações, inclusive em situações com pares, fora do lar. Essa seria mais uma evidência de um repertório comportamental aprendido no âmbito familiar que estaria sendo generalizado para outras esferas, como a escolar. É possível que, na relação com irmãos mais velhos, elas se habituem a serem vitimadas, e esse papel acabe sendo reproduzido na

escola. Segundo Ostrov et. al (2006, p.2), as interações com irmãos estão frequentemente caracterizadas por altos níveis da agressão durante a infância. Assim, as interações com os irmãos mais velhos podem oferecer à criança oportunidades frequentes de observar e aprender sobre a agressão.

Outro achado interessante relativo à diferenciação por gênero do padrão de vitimização é que, nos meninos, houve uma queda significativa dos índices de vitimização conforme aumenta a idade. Na perspectiva da psicologia do desenvolvimento, a aquisição da linguagem leva a uma diminuição da agressividade física (Cairns, 1979 *apud* Chen et al, 2002). Adicionalmente, o repertório de comportamento agressivo está sujeito a alterações durante o desenvolvimento. Entre crianças, por falta de habilidades verbais, há um predomínio de agressão física. Com o amadurecimento psicológico e decorrente desenvolvimento de habilidades verbais, estas passam a ser utilizadas tanto para fins agressivos, como também para habilidades sociais (Björkqvist et al, 1992). E, segundo Smith et al (1999), há autores que justificam o decréscimo no número de vítimas conforme aumenta a escolaridade devido ao aumento da competência social dos alunos, juntamente com a diminuição da vulnerabilidade às situações de maus tratos. Conjuntamente, esses dados poderiam justificar essa queda nos índices de vitimização encontrada nos participantes desse estudo.

Entretanto, resta o fato de que, apesar dos casos de violência serem relativamente altos, talvez por serem episódios isolados e predominantemente verbais, e não físicos, eles não afetem a avaliação positiva que os alunos fazem da escola e do relacionamento com seus colegas. A grande maioria dos alunos gosta do relacionamento com os colegas e do ambiente escolar. Os dados obtidos nesse estudo não demonstraram nenhuma associação entre vitimização e avaliação negativa desses dois parâmetros. Todavia, os altos índices de avaliações positivas em conjunto com os índices de vitimização abrem perspectivas para que, quando as crianças apresentam comportamento agressivo orientado para objetivos socialmente aceitos, conforme Sisto (2005), não sejam percebidos negativamente. As crianças que são aceitas pelos seus pares são mais propensas a gostarem da escola e de seus colegas de turma (Osterman, 2000). Em sendo a prática da violência resultado de uma aprendizagem social dentro do ambiente familiar, já discutida anteriormente, onde o comportamento agressivo é aceito como estratégia disciplinadora, isso se refletiria no ambiente escolar através do aceite de práticas violentas, não prejudicando a avaliação positiva da escola e dos colegas.

De maneira geral, a presença de *bullying* foi considerada baixa (8,7%), dado que os relatos de violência escolar foram, em sua grande maioria, episódios isolados. Outros dados sobre violência foram mais associados a possíveis episódios de violência doméstica. Em conjunto, essas informações

podem colaborar para justificar a avaliação positiva que os alunos fazem da escola e do relacionamento com os colegas.

Por fim, há de se considerar algumas limitações do estudo. O instrumento, por ser bastante extenso, pode ter desmotivado alguns participantes a preenchê-lo de maneira clara, demandando assim grande atenção por parte dos autores quando da análise dos dados, bem como critérios bem definidos de agrupamento. Todavia, alguns parâmetros que o instrumento avalia não puderam ser considerados consistentes, sendo, então, desconsiderados. Além disso, o estudo que valida o instrumento no Brasil, realizado por um grupo de pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas coordenado pela Dr^a. Eliane Prosdócimo, já aplicado em diferentes cidades, ainda não foi publicado. Decidimos levar esse instrumento a campo devido aos trabalhos de adaptação realizados por nosso grupo de pesquisa, mas isso deve ser considerado. E, finalmente, devido às particularidades da população estudada, esses resultados não devem ser generalizados a outras populações, mas sim outros estudos devem ser feitos a fim de se compreender melhor esse sério problema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, Miriam e RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. 4. ed. Brasília: UNESCO, Inst. Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAIDS, Fundação FORD, CONSED, UNDIME, 2004.
- ABRAMOVAY, Miriam et all. **Escola e violência**. 2.ed. Brasília: UNESO, UCB, 2003.
- ABRAMOVAY, Miriam e Rua., Maria das Graças (coords). **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED. UNDIME, 2002.
- ABRAPIA – Associação Brasileira de Multiprofissionais de Proteção à Criança e ao Adolescente. **Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes**. Rio de Janeiro, 2003, Disponível em: <http://www.bullying.com.br/>. Acesso em 27 de jun. de 2008 .
- ALVARENGA, P., & Piccinini, C.A. **Preditores do desenvolvimento social na infância: Potencial e limitações de um modelo conceitual**. *Interação em Psicologia*, 11(1), 103-112, 2007.
- BJÖRKQVIST, K., Lagerspetz, K. M. J. & Kaukiainen, K. (1992). **Aggressive Behavior**, 14, 403-141, 1992.
- CAMACHO, L. M.Y. **Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes: um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si**. São Paulo, 2000. Tese (dout.) Universidade de São Paulo.
- CARREIRA, Débora Bianca Xavier. **Violência nas Escolas: Qual é o papel da Gestão?**, Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Brasília, 2005.
- CEREZO, F. R. (2001): **La violencia en las aulas. Análisis y propuestas de intervención**, Madrid, Ediciones Pirâmide
- CHARLOT, Bernard. **Violences à école: état des savoirs**. Paris: Armand Colin. 2002.
- CHEN, X., Chen, L. Wang, L. & Liu, M. (2002). **Noncompliance and childrearing-attitudes as predictors of aggressive behaviour: A longitudinal study in Chinese children**. *International Journal of Behavioral Development*, 26, 225-233
- COIE, J. & Dodge, K. (1998). **Agression and antisocial behavior**. Em W. Damon (Org. Série) & N. Eisenberg (Editora do Volume), *Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development* (Vol. 3, pp. 779-862). New York, NY: John Wiley.
- DEBARBIEUX, Enc. E BLAYA, Catherine (orgs.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília/DF: UNESCO, 2002.
- ERON, L.D, Huesmann LR **The genesis of gender differences in aggression**. In: Luszcz MA, Nettlebeck T (eds.). *Psychological Development: Perspectives Across the Life Span*. Amsterdam: Elsevier, pp 55–67., 1989
- FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas-SP: Versus Editora, 2ª edição, 2005.
- FANTE, C. A. Z. (2003). **Fenômeno bullying: Estratégias de intervenção e prevenção entre escolares (uma proposta de educar para a paz)**. São José do Rio Preto, SP: Ativa.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio século XXI, O minidicionário de Língua Portuguesa**. Editora Nova Fronteira. 5ª edição, 2004.

- FREIRE, I. P.; SIMÃO, A. M. V.; FERREIRA, A. S. **O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico: um questionário aferido para a população portuguesa.** Revista Portuguesa de Educação, v.19, n.2, p.157–183, 2006.
- GRAHAM-BERMANN, S.A. **The impact of woman abuse on children’s social development: Research and theoretical perspectives.** In G.W.Holden, R. Geffner, & E.F.N.Jouriles (Orgs.). Children exposed to marital violence: Theory, research and applied issues (pp.21-54). Washington, DC. American Psychological Association. 1998.
- GREEN, K.D., R. Forehand, S.J. Beck and B. Vosk: 1980, ‘**An assessment of the relationship among measures of children’s social competence and children’s academic achievement**’, Child Development 51, pp. 1149–1156.
- GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Por uma cultura de paz.** Disponível in <http://www.educapaz.org.br/texto3.htm>. Acesso em 25.05.2004.
- HOUAISS, Antonio. (2001). Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Editora: Objetiva. Rio de Janeiro.
- HOWE, T. R. & Parke, R. D. (2001). **Friendship quality and sociometric status: Between group differences and links to loneliness in severely abused and no abused children.** Child Abuse and Neglect, 25, 585-606.
- HOWE, T. R., Tepper, F. L. & Parke, R. D. (1998). **The emotional understanding and peer relations of abused children in residential treatment.** Residential Treatment for Children & Youth, 15, 69-82.
- HUNTER, S.-C., Boyle, J.-M. E., & WARDEN, D. **Perceptions and correlates of peer-victimization and bullying.** British Journal of Educational Psychology, 77(4), 797-810.2007.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2000.** Disponível em: http://www.ibge.gov.br/servidor_arquivos_est/. Acesso em: 20 jul. 2009.
- LIANG, H., Flisher, A. J., & Lombard, C. J. (2007). **Bullying, violence, and risk behavior in South African school students.** Child Abuse & Neglect 31, 161–171.
- LISBOA, C. S. M. (2001). **Estratégias de coping e agressividade: um estudo comparativo entre vítimas e não vítimas de violência doméstica.** Dissertação de Mestrado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- LOPES NETO, A. A. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes.** Jornal de Pediatria, v.81, n.5, p.164-172, 2005.
- LOPES NETO, Aramis e SAAVEDRA, Lucia Helena. **Diga não para o bullying - programa de redução de comportamento agressivo entre estudantes.** Rio de Janeiro/RJ: ABRÁPIA e PETROBRAS, 2003.
- MALDONADO, D.P.A., & WILLIAMS, L.C.A. (2005). **O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica.** *Psicol. estud.*, 10 (3), 353-362.
- MENEGHEL, S. N., **Relações entre violência doméstica e agressividade na adolescência.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 14(2):327-335, abr-jun, 1998
- MICHAUD, Y. **A violência.** (Trad. L. Garcia). São Paulo: Ática, 1989.

- MIDDELTON-MOZ, Jane e Mary Lee ZAWADSKI. **Bullying: Estratégias de sobrevivências para crianças e adultos**; tradução Roberto Cataldo Costa. – Porto Alegre: Artmed, 2007.
- NOGUEIRA, R. M. C. D. P. A. (2003). **Escola e Violência: análise de Dissertações e Teses sobre o tema produzidas na área de Educação, no período de 1990 a 2000**, dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- NOGUEIRA, Rosana Maria César Del Picchia de Araújo. **A prática de violência entre pares: O Bullying nas escolas**.oo.93-102,2005.
- OLWEUS, D. (1995). **Bullying at school**. What we know and what we can do. Oxford: Blackwell.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE – OMS (2005). **Violence Prevention Alliance. Building global commitment for violence prevention**. OMS: Geneva. (On-line). Disponível em <http://www.who.int/publications/en/> Extraído da World Wide Web a 26 de Março de 2007.
- ORTEGA, Rosario e DEL REY, Rosario. **Estratégias educativas para a prevenção da violência**. Brasília/DF: UNESCO, UCB (Universidade Católica de Brasília) e Observatório de Violências nas Escolas (UCB), 2002.
- OSTERMAN, K.F.: 2000, ‘Students’ need for belonging in the school community’, Review of Educational Research 70, pp. 323–367.
- OSTROV.,Jamie M., CRICK,Nicki R.,STAUFFACHER, Kirstin **Relational aggression in sibling and peer relationships during early childhood**. Applied Developmental Psychology 27 (2006) 241–253.
- INTERNACIONAL PLAN, **Bullying Escolar no Brasil** – Relatório de Pesquisa Final, São Paulo: CEATS/FIA, 2010, Site: www.aprendersemmedo.org.br
- ROLAND, E. (2002). **Bullying, depressive symptoms, and suicidal thoughts**. Educational Research, 44, 55-67.
- SALES, Lília Maia de Moraes Sales. **Justiça e mediação de conflitos**. Belo Horizonte: Del Rey, 2004.
- SHWARTZ, D. (2000). **Subtypes of victims and aggressors in children’s peer groups**. Journal of Abnormal Child Psychology, 28, 181-192.
- SISTO, Fermino Fernandes. **Aceitação-Rejeição para Estudar e Agressividade na Escola**.Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 1, p. 117-125, jan./abr. 2005
- SMITH, P. K., Madsen, K. & Moody, J. (1999). **What causes the age decline in reports of being bullied at school?** Towards a developmental analysis of risks of being bullied. Educational Research, 41,3, 267-285.
- SPOSITO, Marília Pontes. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência nas escolas no Brasil**. Educação e pesquisa, São Paulo, vol. 27, nº 1, p. 87 – 103, Jan/jun. 2001.

CONCLUSÃO GERAL

No estudo realizado, a forma de agressão amplamente mais praticada é a agressão verbal, porém a frequência com que ocorrem esses episódios não alteraram as avaliações que os alunos fizeram sobre o ambiente escolar e o relacionamento com os colegas. A agressão verbal não parece ser entendida como algo que lhes cause prejuízo, mas sim como algo inerente ao microambiente.

Devido ao alto índice de vulnerabilidade da região onde se localiza, a escola acaba por se constituir num ambiente estruturado. A presença de *bullying* foi constatada em baixos níveis (8,7%), dado que a maioria dos relatos de violência escolar foram episódios isolados. Outros dados sobre violência foram mais associados a possíveis episódios de violência doméstica. Conjuntamente, esses dados podem ser uma das justificativas para a boa avaliação do ambiente escolar e do relacionamento com os colegas.

Apesar de o senso comum e também alguma literatura apontar o sexo feminino como menos agressivo, os resultados aqui obtidos não mostraram menos violência no sexo feminino, o que aponta para a equiparação dos sexos no que diz respeito ao comportamento agressivo.

Os resultados obtidos poderão gerar subsídios para gestores, professores e profissionais ligados à educação, para resolução de conflitos interpessoais em comunidades escolares, delineando assim, cada vez mais, metas e estratégias de prevenção e intervenção do fenômeno da “Violência entre pares”, bem como subsidiar também trabalhos de apoio junto a famílias, proporcionando cada vez mais um ambiente escolar sadio.

Por fim, a temática estudada é bastante complexa e sujeita a interferência de muitas variáveis, portanto outros estudos se fazem necessários para subsidiar medidas eficazes de diminuição dos índices de violência escolar. Entretanto, há de se considerar as limitações do processo de produção científica, os quais não acompanham o dinamismo dos processos sociais escolares. Estratégias mais ágeis poderiam resultar em abordagens mais eficazes frente às necessidades da comunidade escolar.

BIBLIOGRAFIA DA DISSERTAÇÃO

- A Violência e a Escola:** O Caso Brasil disponível no site <http://www.ucb.br/observatorio/artigos.htm>.
- ABRAMOVAY, Miriam e RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. 4. ed. Brasília: UNESCO, Inst. Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAIDS, Fundação FORD, CONSED, UNDIME, 2004.
- ABRAMOVAY, Miriam e Rua., Maria das Graças (coords). **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED. UNDIME, 2002.
- ABRAMOVAY, Miriam et all. **Escola e violência**. 2.ed. Brasília: UNESO, UCB, 2003.
- ABRAPIA – Associação Brasileira de Multiprofissionais de Proteção à Criança e ao Adolescente. **Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes**. Rio de Janeiro, 2003, Disponível em: <http://www.bullying.com.br/>. Acesso em 27 de jun. de 2008 .
- ALMEIDA, A. M. T., Marques, M., Barrio, C., Meulen, K., Gutiérrez, H. & Barrios, A.(2001). **Um estudo das representações de maus tratos na pré-adolescência: Scan bullying**. Violência e indisciplina na escola – XI Colóquio. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- ALMEIDA, A., Lisboa, C., & Caurcel, M. J. **Por qué ocurren los malos tratos entre iguales? Explicaciones causales de adolescentes portugueses y brasileños**. *Revista Interamericana de Psicología*, 41(2), 107-118. (2007).
- ALVARENGA, P., & Piccinini, C.A.. **Preditores do desenvolvimento social na infância: Potencial e limitações de um modelo conceitual**. *Interação em Psicologia*, 11(1), 103-112, 2007.
- AMERICAN Psychiatric Association **Manual de Diagnostico Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV TR)**. (Tradução Claudia Dornelles) Porto Alegre: Artes Médicas. (2003).
- ANDREWS, T. (2000): **Bullying at School**, net, disponível no site http://www.ed.gov/databases/eric_digest/ed407154.html [Acesso em 13/01/2003].
- BANDURA, A. R. D., & Ross, S. **Transmission of aggression though imitation of aggressive models**. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 63(3), 575-582, 1961.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edição Revista e atualizada. Edições 70 Ltda. 2009.
- BJÖRKQVIST, K., Lagerspetz, K. M. J. & Kaukiainen, K. (1992). **Aggressive Behavior**, 14, 403-441, 1992.
- CAIMS, R. B. (1979). **The analysis of social interactions: Methods, issues, and illustrations**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum
- CAMACHO, L. M.Y. **Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes: um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si**. São Paulo, 2000. Tese (dout.) Universidade de São Paulo.
- CARREIRA, Débora Bianca Xavier. **Violência nas Escolas: Qual é o papel da Gestão?**, Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Brasília, 2005.
- CARVALHOSA, S. F., Moleiro, C. & Sales, C. **Violence in Portuguese schools**. *International Journal of Violence and School*, 9, 57-78. 2009.
- CEREJO, Fuensanta R. (1999). **Conductas Agresivas en la Edad Escolar. Aproximación Teórica y Metodológica. Propuestas de Intervención**. Madrid: Ediciones Pirâmide

- CEREZO, F. R. (2001): **La violencia en las aulas. Análisis y propuestas de intervención**, Madrid, Ediciones Pirâmide
- CHARLOT, Bernard. **Violences à école: état dès savoirs**. Paris: Armand Colin. 2002.
- CHEN, X., Chen, L. Wang, L. & Liu, M. (2002). **Noncompliance and childrearing-attitudes as predictors of aggressive behaviour: A longitudinal study in Chinese children**. *International Journal of Behavioral Development*, 26, 225-233
- COIE, J. & Dodge, K. (1998). **Agression and antisocial behavior**. Em W. Damon (Org. Série) & N. Eisenberg (Editora do Volume), *Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development* (Vol. 3, pp. 779-862). New York, NY: John Wiley.
- DEBARBIEUX, Enc. E BLAYA, Catherine (orgs.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília/DF: UNESCO, 2002.
- ERON, L.D, Huesmann LR **The genesis of gender differences in aggression**. In: Luszcz MA, Nettlebeck T (eds.). *Psychological Development: Perspectives Across the Life Span*. Amsterdam: Elsevier, pp 55–67., 1989
- FANTE (2002): **Estudos realizados em uma escola da Rede Pública em São José do Rio Preto**. O estudo apresenta dados relativos ao primeiro semestre de 2002.
- FANTE, c. a. z. (2001): **Bullying escolar, in Violência nas escolas**, *Jornal Diretor udemo*, ano V, n.º 02, março/2002, São Paulo. Dados sobre estudos realizados em cinco escolas da Rede Pública e Privada de Ensino em duas cidades no interior do estado de São Paulo.
- FANTE, C. A. Z. (2003). **Fenômeno bullying: Estratégias de intervenção e prevenção entre escolares (uma proposta de educar para a paz)**. São José do Rio Preto, SP: Ativa.
- FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas-SP: Versus Editora, 2ª edição, 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio século XXI, O minidicionário de Língua Portuguesa**. Editora Nova Fronteira. 5ª edição, 2004.
- FREIRE, I. P.; SIMÃO, A. M. V.; FERREIRA, A. S. **O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico: um questionário aferido para a população portuguesa**. *Revista Portuguesa de Educação*, v.19, n.2, p.157–183, 2006.
- GRAHAM-BERMANN, S.A. **The impact of woman abuse on children’s social development: Research and theoretical perspectives**. In G.W.Holden, R. Geffner, & E.F.N.Jouriles (Orgs.). *Children exposed to marital violence: Theory, research and applied issues* (pp.21-54). Washington, DC. American Psychological Association. 1998.
- GREEN, K.D., R. Forehand, S.J. Beck and B. Vosk: 1980, ‘**An assessment of the relationship among measures of children’s social competence and children’s academic achievement**’, *Child Development* 51, pp. 1149–1156.
- GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Por uma cultura de paz**. Disponível in <http://www.educapaz.org.br/texto3.htm>. Acesso em 25.05.2004.
- GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Uma escola para a paz: a educação em tempos de violência**. <http://www.educapaz.org.br/texto1.htm> Acesso em 25.05.2004.
- HOUAISS, Antonio. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Editora: Objetiva. Rio de Janeiro.

- HOWE, T. R. & Parke, R. D. (2001). **Friendship quality and sociometric status: Between-group differences and links to loneliness in severely abused and non-abused children.** *Child Abuse and Neglect*, 25, 585-606.
- HOWE, T. R., Tepper, F. L. & Parke, R. D. (1998). **The emotional understanding and peer relations of abused children in residential treatment.** *Residential Treatment for Children & Youth*, 15, 69-82.
- HUNTER, S.-C., Boyle, J.-M. E., & WARDEN, D. **Perceptions and correlates of peer-victimization and bullying.** *British Journal of Educational Psychology*, 77(4), 797-810.2007.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2000.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/servidor_arquivos_est/>. Acesso em: 20 jul. 2009.
- LIANG, H., Flisher, A. J., & Lombard, C. J. (2007). **Bullying, violence, and risk behavior in South African school students.** *Child Abuse & Neglect* 31, 161–171.
- LISBOA, C. S. M. (2001). **Estratégias de coping e agressividade: um estudo comparativo entre vítimas e não vítimas de violência doméstica.** Dissertação de Mestrado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- LOPES NETO, A. A. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes.** *Jornal de Pediatria*, v.81, n.5, p.164-172, 2005.
- LOPES NETO, Aramis e SAAVEDRA, Lucia Helena. **Diga não para o bullying - programa de redução de comportamento agressivo entre estudantes.** Rio de Janeiro/RJ: ABRÁPIA e PETROBRAS, 2003.
- MALDONADO, D.P.A., & WILLIAMS, L.C.A. (2005). **O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica.** *Psicol. estud.*,10 (3), 353-362.
- MENEGHEL, S. N., **Relações entre violência doméstica e agressividade na adolescência.** *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 14(2):327-335, abr-jun, 1998
- MICHAUD, Y. **A violência.** (Trad. L. Garcia). São Paulo: Ática, 1989
- MIDDELTON-MOZ, Jane e Mary Lee ZAWADSKI. **Bullying: Estratégias de sobrevivências para crianças e adultos;** tradução Roberto Cataldo Costa. – Porto Alegre: Artmed, 2007.
- MULRINE, Anna. **“Once Bullied, Now Bullies with Guns.”** *U.S. News and World Report*, May 3, 1999 p. 24
- NATIONAL School Safety Center, **Bullying in Schools: Talking with Hilda about Bullying.pdf** , 141 Duesenberg Drive, Suite 11, Westlake Village, California 91362, phone: 805 373 9977, site: www.schoolsafety.us
- NETO, A. L. (2005). **Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes.** *J. Pediatr*, 181(5), 164-172.
- NOGUEIRA, R. M. C. D. P. A. (2003). **Escola e Violência: análise de Dissertações e Teses sobre o tema produzidas na área de Educação, no período de 1990 a 2000,** dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- NOGUEIRA, Rosana Maria César Del Picchia de Araújo. **A prática de violência entre pares: O Bullying nas escolas.** 93-102, 2005.

- OLWEUS, D. (1995). **Bullying at school**. What we know and what we can do. Oxford: Blackwell.
- OLWEUS, D. (1997). **Bully/victim problems in school: facts and intervention**. European Journal of Psychology of Education, XII, 4, 495-511.
- OLWEUS, D. (1999). Norway. In P. Smith, Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano & P. Slee (Eds.), **The Nature of School Bullying**. A cross-national perspective. London: Routledge
- OMS (Organização Mundial de Saúde) (2005). **Violence Prevention Alliance. Building global commitment for violence prevention**. OMS: Geneva. (On-line). Disponível em <http://www.who.int/publications/en/> Extraído da World Wide Web a 26 de Março de 2007.
- ORTEGA, Rosario e DEL REY, Rosario. **Estratégias educativas para a prevenção da violência**. Brasília/DF: UNESCO, UCB (Universidade Católica de Brasília) e Observatório de Violências nas Escolas (UCB), 2002.
- OSTERMAN, K.F.: 2000, 'Students' need for belonging in the school community', Review of Educational Research 70, pp. 323–367.
- OSTROV.,Jamie M., CRICK,Nicki R.,STAUFFACHER, Kirstin **Relational aggression in sibling and peer relationships during early childhood**. Applied Developmental Psychology 27 (2006) 241–253.
- PLAN, **Bullying Escolar no Brasil** – Relatório de Pesquisa Final, São Paulo: CEATS/FIA, 2010, Site: www.aprendersemmedo.org.br
- ROBIN L., Toblina,T., Schwartz, D., Gormanb, A. H., & Abou-ezzedinea, T. (2005). **Social-cognitive and behavioral attributes of aggressive victims of bullying**. Applied Developmental Psychology, 26, 329–346.
- ROLAND, E. (2002). **Bullying, depressive symptoms, and suicidal thoughts**. Educational Research, 44, 55-67.
- SALES, Lília Maia de Moraes Sales. **Justiça e mediação de conflitos**. Belo Horizonte: Del Rey,2004.
- SHWARTZ, D. (2000). **Subtypes of victims and aggressors in children's peer groups**. Journal of Abnormal Child Psychology, 28, 181-192.
- SISTO, Fermino Fernandes. **Aceitação-Rejeição para Estudar e Agressividade na Escola**.Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 1, p. 117-125, jan./abr. 2005
- SMITH, P. K., Madsen, K. & Moody, J. (1999). **What causes the age decline in reports of being bullied at school?** Towards a developmental analysis of risks of being bullied. Educational Research, 41,3, 267-285.
- SPOSITO, Marília Pontes. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência nas escolas no Brasil**. Educação e pesquisa, São Paulo, vol. 27, nº 1, p. 87 – 103, Jan/jun. 2001.
- TROPP, Kriistina. **Stability of Aggressive Behavior Strategies in Adolescence. Relations Normative Beliefs about Aggression, Verbal abilities and Aggressive Behavior**. Master's thesis. University of Tartu, Faculty of Social Sciences- Department of Psychology, 2004.

ANEXOS

- A -

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisadora: Carla Elizabeth da Silva (Professora de Inglês) Telefone **84.73.67.50**

Orientador: Prof. Dr. Diogo Onofre Gomes de Souza

O aluno está sendo convidado a participar de uma **pesquisa** sobre “**Estudo da violência entre Estudantes do Ensino Fundamental**”, que ocorrerá nas turmas de 7^{as} e 8^{as} séries da Escola Municipal Maria Lygia de Andrade Haack, através do preenchimento de um questionário sobre violência entre estudantes, aplicado pela professora voluntária Isabela Barin, de Ciências, contendo questões objetivas e dissertativas, com o tempo de duração de no máximo duas horas (dois períodos aula). Para poder participar, é necessário que você leia esse documento com atenção e autorize o(a) aluno(a) participar desta pesquisa. Os dados coletados na pesquisa serão utilizados para a elaboração de minha dissertação de Mestrado, a ser apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde – UFRGS.

A participação é opcional e confidencial. Portanto, não existe qualquer possibilidade da identificação do aluno durante a transcrição dos dados, na apresentação dos resultados ou mesmo através de publicações de artigos técnicos científicos. Se você ou seu(s) responsáveis tiver(em) alguma dúvida com relação a pesquisa, você(s) deve(m) contatar o pesquisador do estudo, cujo telefone para contato encontra-se acima.

Atenciosamente

Carla Elizabeth da Silva.

Nome do

Aluno:.....Turma:.....

Nome e assinatura do

responsável:.....

Data:_____/_____/2009

- B -

Questionário para estudo sobre “Violência entre Estudantes na Escola”

Este questionário destina-se a recolher opiniões de alunos, acerca de alguns aspectos da vida escolar. É anônimo, voluntário, contém questões objetivas e/ou dissertativas, as informações recolhidas através dele é absolutamente confidencial. O preenchimento **sincero** é fundamental para o estudo e compreensão das relações humanas na escola. Muito obrigada pela sua colaboração!

BLOCO A – Informações sócio-demográficas

A- Começaremos por alguns dados pessoais:

1. Idade _____ Série: _____ Sexo: ()Feminino () Masculino

2. Em que cidade e estado você nasceu? _____

3. Nos últimos 5 anos em que cidade você morou? _____

4. Qual é a profissão do seu responsável masculino? _____

5. Qual é a profissão da sua responsável feminina? _____

6. Qual o nível de escolaridade do seu responsável masculino?

() Não sabe ler e escrever

() Sabe ler e escrever sem grau de escolaridade

1ª a 4ª série: completo() Incompleto()

5ª a 8ª série: completo () Incompleto()

Ensino Médio:()completo ()Incompleto

Ensino Superior:()completo ()Incompleto

()Outros Cursos

7. Qual o nível de escolaridade da sua responsável feminino?

() Não sabe ler e escrever

() Sabe ler e escrever sem grau de escolaridade

1ª a 4ª série: ()completo ()Incompleto

5ª a 8ª série: ()completo ()Incompleto

Ens. Médio: ()completo ()Incompleto

Ens. Superior:()completo()Incompleto

()Outros Cursos

8. Seus pais ou responsáveis vivem na mesma casa? () Sim () Não

9. Qual o estado civil dos seus pais?

() Casados

() Viúvos

() Outros

() Separados

() Solteiros

10. Tens irmãos? () Sim () Não

11. **Se sim**, quantos? _____

() Mais velhos que você

() Mais velhos e mais novos que você

() Mais novos que você

() Mesma idade que a sua

12. Com quem você mora ?

Seus pais

Seus pais e irmãos

Só com sua mãe

Só com seu pai

Mãe e irmãos

Pai e irmãos

Outras situações.

Qual(is)?

BLOCO B

B - Agora gostaria que você falasse de alguns aspectos da sua vida escolar:

1-O que você pensa do ambiente (pessoal) da sua escola?

2-O que você pensa do relacionamento entre os colegas da sua turma?

BLOCO C

C. 1- Neste ano letivo, você se sentiu alguma vez vítima de alguma (s) da(s) agressão (ões), por parte de colegas, na escola ou nas imediações, relacionadas abaixo? m) não, eu não fui vítima de agressão

a) Foi empurrado com violência?

Sim Não

b) Foi ameaçado?

Sim Não

c) Foi humilhado ou fizeram gozações de você?

Sim Não

d) Bateram em você?

Sim Não

e) Foi chamado de nomes ofensivos?

Sim Não

f) Disseram calúnias de você ou de sua família?

Sim Não

g) Não quiseram conviver ou excluíram você do grupo?

Sim Não

h) Foi ferido de propósito?

Sim Não

i) Estragaram algum objeto pessoal ou vestuário seu de propósito?

Sim Não

j) Apalparam alguma parte do seu corpo, contra a sua vontade?

Sim Não

k) Fizeram intrigas a seu respeito?

Sim Não

l) Outras agressões ou perseguições

Sim Não

Qual(is)? _____

2. Quantas vezes foi agredido ou perseguido nesse período de tempo?

Uma vez

Duas vezes

Três vezes

Mais de três vezes

Não fui agredido

3. Em que local (is) ocorreram essas situações?

- Sala de aula Espaços para Educação Imediações da escola
 Recreio Física Outros.
 Corredores e escadas Banheiro Não houve agressão
 Refeitório Na saída ou na entrada Qual(is)? _____

4. Nessas situações foi agredido ou perseguido por:

- Uma pessoa Duas pessoas Grupo de pessoas **Ninguém**

5 - Essas pessoas eram colegas da sua sala de aula ou da escola? Sim Não

6. Alguma dessas pessoas ou desses grupos agrediu ou perseguiu você mais do que uma vez neste ano?

- Não** Sim, duas vezes Sim, três vezes Sim, mais de três vezes

6.1- Você ainda continua a ser agredido ou perseguido por essa(s) pessoa(s)?

- Sim Não

6..2- A(s) pessoa(s) que agrediu você era(m):

Gênero	Idade	Turma
<input type="checkbox"/> feminino	<input type="checkbox"/> Mais velhos	<input type="checkbox"/> Mesma
<input type="checkbox"/> masculino	<input type="checkbox"/> Mais novos	<input type="checkbox"/> Outra da mesma série.
	<input type="checkbox"/> Mesma idade	<input type="checkbox"/> Outra Turma de outra série.

7. Alguém presenciou essa(s) situação(ões)? Sim Não

8.- **Se sim**, o que estas pessoas fizeram?

- Nada Apoiaram o agressor
 Fugiram /tiveram medo Aconselharam a afastar-se do agressor
 Recorreram a um adulto Riram da situação
 Pediram ao agressor para parar Apoiaram o agredido
 Aproximaram-se para ver Outros Qual(is)? _____

BLOCO D

D. 1-Neste ano letivo, você viu alguém ser vítima de alguma(s) agressão(ões), por parte de colegas, na escola ou nas suas imediações, relacionada(s) abaixo ? () **Não vi colegas serem agredidos**

a) Empurrar com violência?

() Sim () Não

b) Ameaçar?

() Sim () Não

c) Fazer gozações/ humilhar?

() Sim () Não

d) Bater?

() Sim () Não

e) Chamar de nomes ofensivos?

() Sim () Não

f) Levantar calúnias /rumores (dizer coisas más de alguém ou da sua família)

() Sim () Não

g) Excluir do grupo (não querer conviver com alguém)?

() Sim () Não

h) Pegar coisas (objetos pessoais, dinheiro, ...)?

() Sim () Não

i) Ferir de propósito (beliscar com força, espetar com objetos,...)?

() Sim () Não

j) Estragar objetos pessoais ou vestuário, de propósito?

() Sim () Não

k) Apalpar contra a vontade da pessoa? () Sim

() Não

l) Fazer intrigas?

() Sim () Não

m) Outras agressões ou perseguições?

() Sim () Não

Qual(is)? _____

2. O que você fez?

() Nada

() Fugi /tive medo

() Recorri a um adulto

() Pedi ao agressor para parar

() Aproximei-me para ver

() Apoiei o agressor

() Ri da situação

() Apoiei o agredido

() Pedi para afastar-se do agressor

() Outra. Qual(is)? _____

3. Onde ocorreram essas situações?

() Sala de aula

() Recreio

() Corredores e escadas

() Refeitório

() Espaços para Educação Física

() Banheiro

() Na saída ou na entrada

() Imediações da escola

() Outros.

Qual(is)? _____

BLOCO E

E. 1-Neste ano letivo, você teve para com algum colega, atitudes ou comportamentos, na escola ou nas imediações, relacionados abaixo? **Não tive estes comportamentos**

a) Empurrar com violência?
 Sim Não

h) Tirar coisas (objetos pessoais, dinheiro...)?
 Sim Não

b) Ameaçar?
 Sim Não

i) Ferir de propósito (beliscar com força, espetar com objetos,...)?
 Sim Não

c) Fazer gozações / humilhar?
 Sim Não

j) Estragar objetos pessoais ou vestuário, de propósito?
 Sim Não

d) Bater?
 Sim Não

k) Apalpar contra a vontade da pessoa?
 Sim Não

e) Chamar nomes ofensivos?
 Sim Não

l) Fazer intrigas?
 Sim Não

f) Levantar calúnias / rumores (dizer coisas más de alguém ou da família)?
 Sim Não

m) Outras agressões ou perseguições?
 Sim Não

g) Excluir do grupo (não querer conviver com alguém)?
 Sim Não

Qual(is)? _____

2. Quantas vezes você praticou estas ações durante este ano?

Uma vez Duas vezes Três vezes Mais de três vezes **Nenhuma**

3. Em que local ocorreram essas situações?

Sala de aula

Espaços para Educação

Imediações da escola

Recreio

Física

Outros.

Corredores e escadas

Banheiro

Qual(is)? _____

Refeitório

Na saída ou na entrada

4. Estas ações foram praticadas:

Sozinho Em grupo **Não foram praticadas**

5. Ao longo deste ano você agrediu ou perseguiu algum colega mais do que uma vez?

Não Sim, duas vezes Sim, três vezes Sim, mais de três vezes

6. Você ainda continua a agredir ou a perseguir algum desses colegas?

Sim Não

7. **Se sim**, na sua opinião, quais as razões que o levam a ter esse comportamento?

- () Vingança () “brincadeira” () Outra(s).
() Defesa de outros colegas () Reação a provocações Qual(is)? _____
() Desprezo () Irritação

8.. O que **sente pelos colegas** que você agrediu ou perseguiu na escola?

- () Raiva () Desprezo () Pena () Carinho () Nada

Qual(is)? _____

9.A(s) pessoa(s) que você agrediu ou perseguiu era(m):

Gênero	Idade	Turma
() feminino	() Mais velhos	() Mesma
() masculino	() Mais novos	() Outra da mesma série.
	() Mesma idade	() Outra turma de outra série.

10. Alguém presenciou essa(s) situação(ões)? () Sim () Não

10.1. O que fizeram as pessoas que presenciaram?

- () Nada () Riram da situação
() Fugiram /tiveram medo () Apoiaram o agredido
() Recorreram a um adulto () Aconselharam a afastar-se do agressor
() Pediram ao agressor para parar () Outras
() Aproximaram-se para ver Qual(is)? _____
() Apoiaram o agressor

11. Você foi castigado por causa dessa (s) situação(ões)?

- () Sim, Qual foi o castigo? _____ () Não.

12. Alguém já te ajudou a modificar o seu comportamento?

- () Sim, Quem? _____ () Não

13. Você gostaria de ter um comportamento diferente com os seus colegas?

- () Sim () Não

Por quê? _____

13.1 - O que você já fez para mudar o seu comportamento?

- () Não reagir às provocações () Nada
() Controlar-se melhor () Outro(s)?
() Conviver mais com os colegas Qual(is)? _____
() Conviver menos com os colegas

BLOCO F e G – Auto-reflexão

F. 1- O que você pensa sobre o problema da agressividade entre colegas na escola?

2. Você se considerou vítima de agressão ou perseguição na escola?

() Sim () Não

Se respondeu não, passe direto para a pergunta número 3.

2.1- O que você sente quando agridem ou perseguem você?

2.2- Por que razões, você acha, que essas situações aconteceram?

2.3-O que você faz quando se sente agredido(a) ou perseguido(a) por alguém na escola?

2.4 - Você já pediu ajuda a alguém na tentativa de “enfrentar” este problema?

() Sim () Não

2.5 – **Se sim**, a quem? _____

3- Você Acha que os seus colegas consideram você uma pessoa agressiva?

() Sim () Não

Por quê? _____

3.1. Você concorda com a opinião dos seus colegas a respeito de você?

() Sim () Não

Por quê? _____

G - 1. Escreva abaixo qualquer situação diferente, sobre a sua vida escolar, que você gostaria de contar e que não foi perguntado.
